

O ESTUDO DOS TEMPOS VERBAIS EM REDAÇÕES DE VESTIBULAR NA PERSPECTIVA DOS PONTOS TEMPORAIS DE REICHENBACH

Leandro Rocha Vieira(Autor)
Sérgio Menuzzi¹ (Orientador)

Resumo: Este trabalho tem por objetivo apresentar, em linhas gerais, uma descrição de ocorrências linguísticas relacionadas ao emprego de tempos verbais em português. Para tanto, iremos considerar o constructo desenvolvido por Reichenbach (1948), amplamente utilizado na linguística contemporânea, que condicionou o estudo do verbo a três pontos temporais ou momentos distintos: o momento da fala (ou enunciação), o momento do evento e o momento de referência. Pretendemos, assim, comparar a teoria formulada por este estudioso, com aquela abordada na gramática tradicional, cujo mote de ensino são os paradigmas verbais. Faremos isso por meio do estudo de teorias linguísticas e de problemas encontrados em redações de vestibulares. Para o desenvolvimento da análise, alicerçamos nosso estudo em produções textuais dos concursos de ingresso da UFRGS referente aos períodos de 2007 a 2010.

Palavras-chave: linguística, perspectiva funcional, tempos verbais.

Introdução

O ser humano tem a língua natural como uma faculdade inata. A capacidade de comunicação permite-nos interpretar e (re)formular conceitos mentais produzindo significado, o que nos diferencia de outros animais. Comunicar é produzir enunciados, sejam orais ou verbais, que relatam um determinado acontecimento no espaço e no tempo. A produção desses enunciados se efetiva através de unidades linguísticas que se inter-relacionam e são dispostas em cadeia. A composição destas unidades em um conjunto maior dotado de sentido, chamamos texto.

Quando um texto ou uma sequência textual não apresenta sentido, dizemos que não possui coerência. Isto ocorre quando determinados enunciados contrariam a sintaxe ou a semântica da língua, ou seja, o conjunto de regras ou o conhecimento de mundo convencionalizado.

Como já dissemos, os enunciados relatam um determinado acontecimento no espaço-temporal, sendo o verbo o principal responsável pela expressão sistemática do tempo em português,

¹ Professor da 5ª. Edição do Curso de Especialização em Gramática e Ensino da Língua Portuguesa – UFRGS.

entre outras estruturas gramaticais que podem cumprir tal função. Somente podemos dizer que qualquer sequência temporal é coesa e coerente se a sequencialização dos enunciados satisfizer as condições conceituais sobre localização temporal e ordenação relativa que sabemos serem características das situações do mundo que devem ser interpretadas na sequência textual. Assim, cabe-nos questionar como a utilização dos tempos verbais torna um texto coerente, quais elementos podem, além dos verbos, manifestar noção temporal em expressões do português e como se processam, nestes mesmos textos, ideias de continuidade, simultaneidade, sequencialização, entre outras.

Em busca de respostas a tais perguntas - especialmente, tentando entender os casos em que o texto “falha” precisamente por não veicular adequadamente tais noções - selecionamos um *corpus* de redações com objetivo de verificar como estão aplicados os tempos verbais nestes textos. Para tanto, analisamos um conjunto de 50 redações de concursos vestibulares da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), produzidas entre 2007 e 2010.

O trabalho é constituído de quatro partes. Na primeira apresentamos uma síntese da classificação tradicional dos tempos verbais na Gramática Tradicional (GT), e a descrição da sintaxe dos tempos na perspectiva da GT com as principais observações de uso. Na segunda, iremos abordar como a linguística contemporânea vem tratando o estudo dos tempos verbais, considerando-se, ainda, a categoria gramatical do Aspecto e outras estruturas linguísticas que apresentam a perspectiva do tempo, como advérbios, locuções adverbiais, perífrases, entre outros. Na terceira parte, apresentamos o estudo de ocorrências dos tempos verbais, com usos abonados e problemas, verificados em redações do vestibular, fazemos uma tipificação destes problemas, buscando apresentar a frequência com que ocorrem nestas composições e, finalmente, uma análise qualitativa dos problemas encontrados. Por fim, apresentamos nossas conclusões.

1. Tempos verbais na gramática tradicional

1.1 Síntese da Classificação Tradicional

Conforme conceito expresso na Gramática Tradicional (GT), conjugar um verbo é expô-lo de maneira sistemática em todas as formas em que pode ser empregado. Essas formas correspondem à flexão do verbo, que apresenta variações de número, de pessoa, de modo, de tempo, de aspecto e de voz. Para o presente estudo nos interessa, particularmente, a exposição dos tempos

verbais, que segundo Cunha e Cintra é “a variação que indica o momento em que se dá o fato expresso pelo verbo”, (2001, pág. 381). Em português, existem três tempos chamados naturais ou absolutos - o presente, o pretérito (ou passado) e o futuro - que designam, na tradição gramatical portuguesa, respectivamente, um fato ocorrido no momento em que se fala, antes do momento em que se fala e após o momento em que se fala. O presente é indivisível, mas o pretérito e o futuro apresentam modalidades diversas, subdividindo-se no indicativo e no subjuntivo. Os tempos verbais podem se apresentar na forma simples, quando representados por uma só palavra, ou na forma composta quando expressos por duas ou mais palavras.

De acordo com a Nomenclatura Gramatical Brasileira – NGB, os tempos verbais em português são os seguintes: do modo indicativo - o presente, o pretérito imperfeito, o pretérito perfeito simples e o pretérito perfeito composto, o pretérito mais-que-perfeito simples e o pretérito mais que perfeito composto, o futuro do presente simples e o futuro do presente composto, o futuro do pretérito simples e o futuro do pretérito composto; do modo subjuntivo - o presente, o pretérito imperfeito, o pretérito perfeito e o pretérito mais-que-perfeito, o futuro simples e o futuro composto; e do imperativo – o presente. Além destes tempos, temos as formas nominais que compreendem o infinitivo pessoal e impessoal, o gerúndio e o particípio.

Quanto a sua estrutura, o verbo é composto morfologicamente por um radical, parte invariável que lhe dá a base de significação, e a qual se juntam morfemas classificatórios e gramaticais: vogal temática, para indicar a conjugação, o sufixo temporal, para indicar o tempo e o modo e a desinência número-pessoal, para indicar a pessoa do discurso e o número singular ou plural. Todo o mecanismo de formação do tempo simples, em português, é baseado na composição do radical verbal com esses elementos flexivos ou em sua falta (morfema zero), que também é uma forma particular de contraste. Em português, três são os chamados tempos fundamentais ou primitivos: o presente do indicativo, o pretérito perfeito do indicativo e o infinitivo impessoal. Recebem esta denominação porque a partir de suas raízes irão se formar os outros tempos verbais, que se denominam tempos derivados. Assim, do presente do indicativo formam-se o imperfeito do indicativo, o presente do subjuntivo e o imperativo; do pretérito perfeito do indicativo formam-se o pretérito mais-que-perfeito do indicativo, o pretérito imperfeito do subjuntivo e o futuro do subjuntivo e do infinitivo impessoal derivam-se o futuro do presente e o futuro do pretérito do modo indicativo, o infinitivo pessoal, o gerúndio e o particípio.

Os verbos também são utilizados na formação de locuções verbais, que são constituídas de um verbo auxiliar e de um verbo principal. Nestas locuções conjuga-se apenas o auxiliar, pois o verbo principal vem em uma das formas nominais. Tais construções são amplamente utilizadas como recurso expressivo da língua. Já os tempos compostos formam-se por meio dos verbos

auxiliares ter e haver, que se juntam a formas nominais (infinitivo e participio) do verbo que se quer conjugar.

As composições operadas a partir dos tempos primitivos dos verbos com as desinências temporais e pessoais são largamente utilizadas no ensino da língua portuguesa, uma vez que o modelo de paradigmas verbais tornou-se um recurso didático amplamente difundido em sala de aula. Porém este ensino é alvo de críticas, uma vez que o modelo de paradigmas limita o estudo dos tempos verbais, não propiciando a observação de propriedades semânticas da língua.

1.2 Descrição do uso dos tempos verbais na Gramática Tradicional

Ensinam Cunha e Cintra que “a sintaxe dos verbos está relacionada ao emprego do modo e do tempo. No modo temos a atitude (de certeza, de dúvida, de suposição, de mando, etc.) da pessoa que fala em relação ao fato que enuncia; e, por tempo, a de localizar o processo verbal no momento de sua ocorrência referindo-o seja à pessoa que fala, seja a outro fato em causa” (Cunha e Cintra, 2005). Notamos que os autores descrevem uma lista de aplicação dos verbos, correlacionando-os ao modo e ao tempo. Já a categoria gramatical do aspecto não recebe uma distinção específica no trato da sintaxe dos verbos, porém está presente na categorização realizada pelos autores. Temos como principais anotações de uso dos tempos verbais o abaixo sistematizado:

O Modo Indicativo é o modo preferencial da oração absoluta, e geralmente exprime uma ação ou um estado considerado na sua concretude ou em sua certeza nos três tempos absolutos. Dentre as ocorrências mais usuais temos - para o presente - o ato de enunciar um fato atual no momento em que se fala: *eu torço para o Grêmio*; para indicar ações ou estados permanentes ou assim considerados: *trabalha em uma empresa de peças* (presente durativo); para expressar habitualidade ou frequência de ações no momento em que se fala: *as crianças brincam no parque* (presente habitual ou frequentativo); para narrar fatos ocorridos no passado (presento histórico ou narrativo): *Em 1968, o homem chega a Lua*; para marcar um fato futuro, mas próximo, sendo utilizado um adjunto adverbial na oração: *Carla faz aniversário amanhã*; como forma de atenuar pedidos ou ordens, quando substitui o tom imperativo: *escreves para teu irmão*.

O pretérito imperfeito tem como principal valor designar um fato passado, mas não concluído, pois transmite uma ideia de continuidade ou de duração do processo verbal mais acentuada do que os outros tempos pretéritos. É empregado para: transportar o falante/ouvinte a uma época passada e descrever o que então era presente (*gostava de jogar bolinha de gude na minha infância*); para indicar, entre ações simultâneas, a que se estava processando quando sobreveio a outra: (*chovia, enquanto fazia a feira*); para denotar habitualidade ou repetição de

ações passadas: *cumprimentava o vizinho pelas manhãs* (imperfeito frequentativo); para designar fatos passados com caráter contínuo ou permanente: *se deslocava de ônibus para a faculdade*; para situar vagamento no tempo histórias (verbo ser - com sentido existencial): *era uma vez um gato de botas*; para expressar um fato atético ou impreciso, em contínua realização para o presente: *Ele caminhava pela praia*. Por ser um tempo relativo, pode ter outros empregos, um vez que seu valor temporal é comandado pelos verbos com os quais se relaciona ou pelas expressões temporais que o acompanham.

O pretérito perfeito é apresentado como um tempo passado, com clara distinção entre a forma simples e a composta. A forma simples indica uma ação que se produziu em certo momento do passado: *Maria comprou frutas na venda*, e se emprega para descrever o passado tal como se forma na perspectiva de um observador situado no presente e que o considera do presente. A forma composta exprime a repetição de um ato ou a sua continuidade até o presente que falamos: *tenho comido verduras no almoço*. Em síntese, o ponto temporal do perfeito simples, denotador de uma ação concluída, afasta-se do presente; o ponto temporal do perfeito composto é a expressão de um fato repetido ou contínuo, aproxima-se do presente. Para exprimir uma ação repetida ou contínua, o pretérito perfeito simples exige sempre o acompanhamento do advérbio ou locuções adverbiais, como sempre, várias vezes, todos os dias, etc, pois a ideia de repetição ou continuidade é dada pelo advérbio e não pelo verbo: *Maria sempre comprou frutas na feira // o alertei várias vezes sobre seu comportamento*.

Podemos traçar alguns pontos de distinção entre o pretérito perfeito e o pretérito imperfeito: o pretérito imperfeito exprime o fato passado habitual (jogava futebol no domingo), e o perfeito o não habitual (joguei futebol no domingo); o pretérito imperfeito exprime a ação durativa, e não a limita no tempo; o pretérito perfeito, ao contrário, indica a ação momentânea, definida no tempo; outra distinção importante é que em razão do caráter perfectivo o pretérito perfeito é utilizado na sequencialização de ações, uma sucedendo a outra – *levantei cedo, fui ao mercado, comprei pão e voltei para casa*; já o pretérito imperfeito, em razão da imperfectividade, terá a função de descrição e/ou detalhamento de fatos, assim fica evidente o trato aspectual de tais construções – *levantei cedo, o dia estava ensolarado, crianças brincavam pelo parque, os namorados confidenciavam segredos deitados na relva e os pássaros piavam nos galhos das árvores, fui trabalhar* – neste período podemos notar que enquanto os verbos no imperfeito fazem uma descrição das observações do narrador, os verbos no pretérito perfeito demonstram a continuidade da ação narrativa (levantar, ir trabalhar).

O pretérito mais-que-perfeito apresenta como valor normal uma ação que ocorreu antes de outra ação já passada (geralmente no pretérito perfeito): *comprou remédio para gripe, pois se*

molhara com a chuva, // antes de conhecer Roma, tinha viajado a Paris. Além desse valor, pode denotar um fato vagamente situado no passado: *ele esquiara no inverno.*

O futuro do presente simples pode indicar fatos certos ou prováveis, posteriores ao momento em que se fala: *compraremos os bilhetes*; para exprimir a incerteza sobre fatos atuais: *será que ele casa*; como expressão de súplica, de desejo ou de ordem, caso em que atenua ou reforçar o caráter imperativo: *morrerás de fome*; nas afirmações condicionadas, quando se referem a fatos de realização provável: *disse para a namorada: se não for comigo, não casarás com mais ninguém.* Na fala o futuro simples é de emprego raro, preferindo-se o emprego de locuções verbais constituídas: a) do presente do indicativo do verbo haver + preposição de + infinitivo do verbo principal; b) do presente do indicativo do verbo ter + preposição de + infinitivo do verbo principal, para indicar uma ação futura de caráter obrigatório, independente da vontade do sujeito: *terei de falar com ela*; e, c) do presente do indicativo do verbo ir + infinitivo do verbo principal, para indicar uma ação futura imediata: *vai viajar para o Recife* (por ele viajará para o Recife). O futuro do presente composto indica que uma ação futura estará consumada antes de outra: *terei trabalhado muito para comprar o carro*; e para exprimir certeza de uma ação futura: *a essa hora terá chegado ao destino.*

O futuro do pretérito emprega-se para designar ações posteriores à época de que se fala: *após chegar a cidade seria um grande comerciante*; para exprimir a incerteza (probabilidade, dúvida, suposição) sobre fatos passados: *teria uns 21 anos quando casou*; como forma polida de presente, em geral denotadora de desejo: *desejaria conhecê-la melhor*; em certas frases interrogativas e exclamativas, para denotar surpresa ou indignação: *prever com antecedência esta situação seria possível!*; nas afirmações condicionadas quando se referem a fatos que não se realizaram e que, provavelmente, não se realizarão: *se tivesse estudado, teria um bom emprego* (o futuro do pretérito pode ser substituído pelo imperfeito do indicativo nas afirmações condicionadas: *se tivesse estudado, tinha um bom emprego*). Já o futuro do pretérito composto serve para indicar que um fato teria acontecido no passado, mediante certa condição: *teria comprado o bolo, se soubesse de seu aniversário*; para exprimir a possibilidade de um fato passado: *a empregada teria ido ao mercado*; e para indicar a incerteza sobre fatos passados, em certas frases interrogativas que dispensam a resposta do interlocutor: *a criança teria engolido a moeda?*

O Modo Subjuntivo é o modo da possibilidade, ou seja, não temos certeza sobre a existência ou não do fato, assim tendemos por formular mentalmente conceitos de incerteza, dúvida, eventualidade ou irrealidade do acontecido. Indica que uma ação, ainda não realizada, é concebida como dependente de outra, expressa ou subentendida, daí o emprego preferencial em orações subordinadas, porém pode também ocorrer em orações absolutas ou principais (subjuntivo independente) em que envolve um tom afetivo, que acentua fortemente a expressão da vontade do

indivíduo que fala. Portanto o subjuntivo empregado em orações absolutas, em orações coordenadas ou em orações principais pode exprimir: um desejo ou anseio: *voltem sempre*; uma hipótese ou concessão: *seja minha febre passageira*; uma dúvida (geralmente precedida do advérbio talvez): *talvez lhe pedisse as ferramentas emprestadas*; uma ordem uma proibição: *Não saias para rua*; e uma exclamação de indignação: *que morras a míngua*. Como ensinam Cunha e Cintra (2005): “estas orações geralmente se iniciam por 'que', partícula de classificação difícil, pois o seu valor, no caso, é mais afetivo do que lógico. É uma espécie de prefixo conjuncional, peculiar ao subjuntivo”, que pode estar expresso ou subentendido.

O chamado subjuntivo subordinado emprega-se em orações substantivas, adjetivas e adverbiais, sendo a oração preferencial desse modo verbal. Nas orações substantivas, usa-se geralmente quando a principal exprime vontade com referência ao fato que se fala: *Eu desejava que me considerasse como a um irmão*; um sentimento ou uma apreciação que se emite com referência ao próprio fato em causa: *eu queria que fosses feliz*; e a dúvida que se tem quanto à realidade de fatos enunciados: *não desejo que chores na cerimônia*. Nas orações adjetivas exprimem um fato improvável: *não tinha argumentos que o obrigasse a se desculpar* ou uma hipótese: *seria feliz tendo uma companheira que o amasse*, entre outros usos menos frequentes. E nas orações adverbiais geralmente não tem valor próprio, sendo um instrumento sintático de emprego regulado por certas conjunções. É de regra depois das conjunções: causais que negam a ideia de causa (não porque, não que): *Eu deixei de viajar, não que tivesse problemas financeiros, mas porque faltava tempo*; concessivas: *são contrários à greve, embora queiram aumento de salário*; finais: *trabalha demasiado para que tenha dinheiro*; e temporais que marcam anterioridade: *pediu demissão antes que a firma quebrasse*. O subjuntivo também é empregado em: orações comparativas iniciadas pela hipotética “como se”: *gasta dinheiro como se fosse um marajá*; orações condicionais, em que a condição é irrealizável ou hipotética: *se tivesse estudado, não passava necessidade*; e nas orações consecutivas que exprimem uma concepção, um fim a que se pretende ou pretenderia chegar, e não uma realidade.

Destacamos que o uso temporal do subjuntivo, por enunciar a ação do verbo como eventual, incerta ou irreal, não encerra noções temporais precisas como as do indicativo, denotadoras de ações concebidas em sua realidade. Temos como principais valores de tempo do subjuntivo: a) o presente - pode indicar um fato presente: *tenho pena de que crianças passem fome*; ou futuro: *faça chuva ou sol, vou ir ao cinema*; b) o imperfeito do subjuntivo que pode ter o valor de passado: *passeava no parque todos os domingos, tomasse ou não seu café*; de futuro: *beijava ao pretendente que chegasse primeiro*; ou de presente: *como imaginas um ser que não precisasse de nada*; c) o pretérito perfeito do subjuntivo que pode exprimir um fato passado (supostamente concluído): *Eu*

espero que você tenha encontrado a pessoa certa; ou futuro (terminado em relação a outro fato futuro): *Eu espero que tenhas tido boas notas depois de estudar*; d) o pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo, que pode indicar uma ação anterior a outra ação passada (sentido eventual): *Esperei um pouco pela aluna até que tivesse terminado a tarefa*; ou uma ação irreal no passado: *Se houvessem vencido, estariam coberto de louros*; e) o futuro do subjuntivo simples que marca a eventualidade no futuro, e emprega-se em ações subordinadas adverbiais (condicionais, conformativa e temporais), cuja principal vem enunciada no futuro ou no presente: *se quiser, irei comprar // se quiser comprar, vá à loja*; ou adjetivas, dependentes de uma principal também enunciada no futuro ou no presente: *aos que me ajudarem, farei uma prece // faça uma prece, aos que te ajudarem*; f) o futuro do subjuntivo composto que indica um fato futuro como terminado em relação a outro fato futuro: *quando tiver lido, a noite já se terá posta*.

Quanto ao Modo Imperativo, há em português um afirmativo e outro negativo com emprego em orações absolutas, em orações principais ou em orações coordenadas para exprimir uma ordem ou comando: *cala-te*; *não digas nada*; um conselho: *não olhes para trás, caminha pela trilha*; um convite ou solicitação: *venha jantar comigo*; uma súplica: *Deus, rogai por nós*. Emprega-se, ainda, para sugerir uma hipótese em lugar de asserções condicionadas expressas por: *ser + futuro do subjuntivo*: *leia este livro, e conhecerá a história do país* (se ler este livro, conhecerá o país). Os valores do imperativo dependem do significado do verbo, do contexto e da entoação que dermos à frase imperativa. O imperativo é enunciado no tempo presente, mas na realidade este presente do imperativo tem valor de um futuro, pois a ação que exprime está por realizar-se.

A Língua Portuguesa tem por formas nominais o infinitivo, o gerúndio e o particípio que se caracterizam por não exprimirem por si nem o tempo nem o modo. O seu valor temporal e modal está sempre em dependência do contexto em que aparecem, já para a categoria gramatical do aspecto, as formas nominais são de grande valia. Distinguem-se pelas seguintes peculiaridades: o infinitivo apresenta o processo verbal em potência; exprime a ideia da ação, aproximando-se, assim do substantivo; o gerúndio apresenta o processo verbal em curso e desempenha funções exercidas pelo advérbio ou pelo adjetivo e o particípio apresenta o resultado do processo verbal, acumula as características de verbo com os adjetivos, podendo, em certos casos, receber como este as desinências de feminino e de plural. Acrescenta-se, ainda, que o infinitivo e o gerúndio possuem ao lado da forma simples, uma forma composta, que exprime a ação concluída, apresentam, pois, internamente, uma oposição de aspecto: infinitivo – ler: *gosta de ler Camões* (aspecto não concluído), ter lido: *tinha lido Camões* (aspecto concluído); gerúndio – lendo: *está lendo Camões* (aspecto não concluído); tendo lido: *tendo lido Camões, começou a ler Proust* (aspecto concluído). Quanto ao emprego do infinitivo, por não haver uma regra clara referente ao seu emprego, postulam

Cunha e Cintra que é mais acertado falar-se em tendências que se observam no emprego de uma e de outra forma, não faremos uma descrição pormenorizada do infinitivo. O gerúndio apresenta duas formas uma simples (*lendo*) e uma composta (*tendo* ou *havendo lido*). A forma composta é de carácter perfectivo e indica uma ação concluída anteriormente à que exprime o verbo da oração principal. A forma simples expressa uma ação em curso, que pode ser imediatamente anterior ou posterior a do verbo da oração principal, ou contemporânea dela. Este valor temporal do Gerúndio (dado pelo aspecto) depende quase sempre de sua colocação na frase. Colocado no início do período, exprime: a) uma ação realizada imediatamente antes da indicada na oração principal (*ganhando a rua, saiu correndo*); e b) uma ação que teve começo antes ou no momento da indicada na oração principal e ainda continua (*estremecendo, acompanho o assalto*). Colocado junto do verbo principal: *o aluno ouvia sorrindo*, expressa de regra uma ação simultânea, correspondente a um adjunto adverbial de modo. Colocado depois da oração principal (*no quintal as folhas dançavam, fugindo com o vento passeavam pela cidade*) indica uma ação posterior e equivale, na maioria das vezes, a uma oração coordenada iniciada pela conjunção “e”. Precedido da preposição “em” (*em lhe dando corda, surgia o tagarela*), marca enfaticamente a anterioridade imediata da ação com referência à do verbo principal. Nas construções afetivas o aspecto inacabado do gerúndio permite-lhe exprimir a ideia de progressão indefinida (*passa viajando, viajando*), mais acentuada se a forma vier repetida. Nas locuções verbais, combina-se com os auxiliares *estar*, *andar*, *ir* e *vir*, para marcar diferentes aspectos da execução do processo verbal, como: *estar* + gerúndio - indica uma ação durativa no momento rigoroso (*estavam todos dormindo*); *andar* + gerúndio - indica uma ação durativa em que predomina a ideia de intensidade ou de movimento reiterado (*Andei buscando luz para tomar a decisão*); *ir* + gerúndio - expressa uma ação durativa que se realiza progressivamente ou por etapas sucessivas (*o tempo ia passando*) e *vir* + gerúndio expressa uma ação durativa que se desenvolve gradualmente em direção à época ou ao lugar em que nos encontramos (*o dia vinha amanhecendo*).

O participio desempenha papel importante no sistema do verbo como permitir a formação dos tempos compostos que exprimem o aspecto conclusivo do processo verbal. Assim, com auxiliares *ter* e *haver* para formar os tempos compostos da voz ativa: *tenho dito*; *tenho comprado*; com o auxiliar *ser*, para formar os tempos da voz passiva de ação: *são lidas*; *serão mencionadas*; e com o auxiliar *estar*, para formar os tempos da voz passiva de estado: *estão machucados*. Desacompanhado de auxiliar, o participio exprime fundamentalmente o estado resultante de uma ação acabada, embora não indique por si próprio se a ação em causa é passada, presente ou futura, só o contexto a que pertence precisa a sua relação temporal. Logo, a mesma forma pode expressar ação passada, ação presente ou ação futura. Quando o participio exprime apenas o estado, sem

estabelecer nenhuma relação temporal, ele se confunde com o adjetivo.

2. Aspectos da descrição na linguística contemporânea

Nos parágrafos anteriores, apresentamos uma síntese dos tempos verbais do português e mencionamos que, atualmente, o ensino de LP é orientado através da memorização de paradigmas verbais. Logo, fica evidente que a aprendizagem dos tempos verbais na GT está baseada em um modelo estrutural, ou seja, através de estudos morfo-sintáticos do verbo (flexão verbal e sintaxe de regência e colocação). Também dissemos que o ensino dos “verbos” em sala de aula é alvo de críticas, justamente porque não observa as propriedades semânticas da língua, o que acarreta problemas como: correção gramatical, coerência textual, utilização inadequada dos tempos verbais e interpretação textual. Para entendermos algumas destas propriedades semânticas, e consequentemente, aplicá-las ao ensino de LP, precisamos ver o que contemporaneamente se discute em linguística referente a expressões de tempo. Propor um único conceito para tempo, em estudos linguísticos, não é tarefa fácil, pois tal formulação não encontra apenas uma interpretação. Diversas são as teorias que tratam do tema, não sendo o estudo do tempo matéria exclusiva de gramáticos. Certo é que muito antes de haver uma preocupação com a língua e sua relação com a noção temporal, os pensadores, desde a antiguidade, já se preocupavam com questões que envolviam o tempo.

Hoje, a posição mais comum entre os estudiosos da língua, como diz Corôa, é “distinguir tempo cronológico, tempo psicológico e tempo gramatical. O primeiro é caracterizado por um ponto em contínua deslocação em direção ao futuro, de duração constante, uniforme, irreversível. O segundo não tem duração constante e uniforme, porque existe em função do mundo interno do indivíduo (pode parar, retroceder, acelerar-se, etc.) e o terceiro é aquele caracterizado em português por um radical acrescido dos morfemas típicos”.

Que pesem estas três distinções para elaborarmos uma ideia menos redundante de tempo, merece especial destaque o conceito de que as propriedades atribuídas a determinado objeto variam no tempo. A validade da sentença passa, assim, a depender do instante de sua enunciação e da validade do evento descrito com respeito a um referencial em que os dois se inserem. A simultaneidade, a anterioridade e a posteridade passam a ser termos de suma importância para a descrição temporal na teoria linguística.

A descrição do tempo em linguística teve em Reichenbach, estudioso das propriedades lógicas das línguas naturais, seu maior formulador. Reichenbach propôs uma teoria que, ao tratar do verbo, aponta como característica fundamental dos morfemas de tempo a capacidade de relacionar

três momentos distintos que seriam estruturalmente relevantes para sua compreensão: o momento da fala ou enunciação (MF), o momento da realização da ação expressa pelo verbo (ME) e o momento de referência (MR). Desde a sua formulação, a proposta teórica de Reichenbach se tornou o principal constructo na interpretação dos tempos verbais, pois fornece informações para situar o momento de evento, isto é, para localizar no tempo a ação expressa pela predicação. E este é o propósito dos tempos verbais. Não menos importante é o “momento da fala”, uma vez que ao sistematizar sua proposição diz-nos implicitamente que o fundamento direto ou indireto da interpretação das formas verbais flexionadas em tempo é a dêixis, isto é, a referência à própria enunciação. De fato, as conjugações do verbo compartilham com os dêiticos a capacidade de identificar os momentos e períodos de tempo em que ocorrem as ações e os estados expressos pelo verbo, localizando-as relativamente ao ato de fala. Assim, a expressão temporal é construída pela relação estabelecida entre o momento de fala e o momento de evento, com o intermédio do momento de referência, que pode corresponder ao tempo expresso pelos adjuntos de tempo. Desta forma o MR é um elemento importante em qualquer tentativa de esclarecer o papel das expressões temporais. Além disso, é necessário recorrer à noção de momento de referência para compreender certas determinações temporais que a sentença sofre no co-texto, uma vez que na falta de indicações mais específicas, dada por exemplo pelos adjuntos temporais, a sentença anterior fixa geralmente o momento de referência da oração seguinte.

Como vimos, a definição dos tempos verbais giram em torno desses três pontos temporais: momento do evento, momento da fala e o momento de referência, que servem de apoio, ou limite, para sua definição. Podemos estabelecer que o Momento do Evento (ME) é o instante em que se dá o acontecimento descrito (é o tempo da predicação); o Momento de Fala (MF) é o momento da enunciação do evento (é o tempo da comunicação); e o Momento de Referência (MR) é o tempo de referência, o sistema temporal fixo com respeito ao qual se definem simultaneidade, anterioridade e posteridade, na perspectiva que o falante transmite ao ouvinte para a contemplação do ME.

Tendo por base estes três pontos, Reichenbach elaborou fórmulas lógicas para interpretação dos tempos verbais de qualquer língua natural, levando em conta a perspectiva de simultaneidade ou anterioridade das ocorrências. Assim, desconsideradas determinadas fórmulas que não encontram correspondência em Língua Portuguesa, temos as seguintes possibilidades de construção:

O presente é o tempo verbal em que o ME, MF e MR são simultâneos (ME,MF,MR). Vejamos as seguintes sentenças: *ele corre de automóvel; ele compra o peixe na feira*. Ao lermos estas orações, podemos intuir que os eventos correr de automóvel e comprar o peixe acontecem em um momento atual – presente, pois temos nas sentenças uma convergência dos três momentos

propostos por Reichenbach: os acontecimentos se apresentam como atuais (o que está indicado pela predicação verbal), ocorrem simultaneamente ao momento em que são enunciados pelo falante, podendo, também, coincidir com uma referência temporal presente (neste caso posso intuir que os eventos acontecem “agora”, este agora seria o meu MR). Esta convergência de pontos diz-nos que estas sentenças estão no tempo presente. O tempo presente, porém, não se reduz ao momento da fala, mas a uma fração de tempo que inclui o momento de fala. Assim, pode às vezes ser associado ao passado: *Em 1969, o homem chega a lua*, o evento chegar a lua, pelo nosso conhecimento de mundo é um evento passado (pois sabe-se que “a ida do homem a lua” se deu em um momento pretérito de nosso sistema temporal cronológico), porém ao lermos esta sentença percebemos que o escritor utiliza o verbo no presente, tal uso expressivo não descaracteriza a oração como uma sentença do presente, uma vez que novamente teremos a convergência dos três momentos (ME, MR, MF) pois notemos que o leitor é conduzido ao momento do acontecimento, como se estivesse presenciando a realização do fato, assim da perspectiva deste leitor, que se coloca naquele momento, tem-se a simultaneidade nos três pontos: MR (em 1969); ME (o homem chega a lua) e MF (a enunciação se dá na perspectiva da realização do evento), o leitor ao deslocar-se para aquele tempo, presencia como atual a realização do evento, justifica-se, assim, tal uso; outras vezes pode o presente ser associado ao futuro: *eu vou a missa (amanhã)*, neste caso o evento ir a missa é um evento presente, como constatamos ao observar o tempo da predicação (ir a missa) e o tempo da enunciação, mesmo com o emprego de uma referência temporal que se aproxima do futuro (amanhã), este advérbio, como dêitico, só pode ser considerado a partir do momento da enunciação, assim temos novamente a simultaneidade dos pontos, pelo que constatamos que o tempo verbal é o presente. Deste modo, algumas sentenças identificam-se mais, ora com a parte da fração de tempo que vem antes do momento da fala, ora com a parte da fração de tempo que vem depois do momento da fala, mas isto não as descaracterizam como sentenças do presente, sentenças em que o “momento do evento” e o “momento de fala” são simultâneos. Mais que isso, o fato de o presente poder se estender mais para um tempo que passou ou mais para um tempo que virá mostra a necessidade de o momento de referência - ou a perspectiva temporal relevante para a localização do evento - também ser simultânea ao ME e ao MF. Assim, deve existir ao menos um ponto em cada um dos três momentos que sejam simultâneos, que coincidam, o que nos permite tratar determinadas construções como simultâneas apenas parcialmente. A relação entre os três momentos estruturalmente relevantes se mantém constante: há variação nos limites de cada um e na maneira como o MF e o ME se incluem ou se identificam com o MR, mas não se descaracteriza a notação estabelecida por Reichenbach.

Os tempos do pretérito, tradicionalmente subdivididos em perfeito, imperfeito, mais-que-

perfeito, refletem o mundo de forma mais objetiva, pois são usados para relatar eventos já acontecidos e, por isso, percebidos como mais “reais” pelos falantes. Caracterizam-se por estarem mais intimamente ligados ao ME, uma vez que é no pretérito que o ME está mais bem delimitado e localizado, ocorrendo sempre anteriormente ao MF. Devemos estabelecer as distinções entre as três formas de pretérito a partir das possíveis localizações do MR e suas relações com o ME e o MF. Adotando-se a notação de Reichenbach, temos as seguintes possibilidades:

No pretérito mais-que-perfeito, o evento precede não só o MF como outro evento mencionado, também passado. Tal distinção torna o MR mais concreto por se identificar com o momento de um outro evento. A principal característica é que nele o MR é indiscutível e frequentemente se materializa na própria oração. Assim, o mais-que-perfeito relata um evento ocorrido antes de outro evento, também já ocorrido quando do MF. Temos que, pela notação de Reichenbach, o pretérito mais-que-perfeito é o tempo em que o ME é anterior ao MR que, por sua vez, é anterior ao MF (ME-MR-MF). Observemos a seguinte oração: ***Quando Carlos foi ao mercado(MR), Maria já comprara (tinha comprado) o pão(ME)***. O evento “Maria comprar o pão” ocorre anteriormente ao evento “ida de Carlos ao mercado”, que passa a ser a referência temporal daquele, assim é adequado o uso do verbo comprar ou do composto tinha comprado no pretérito mais-que-perfeito do indicativo. Pela notação de Reichenbach, se encontram presentes as características de uso do pretérito mais que perfeito, os dois eventos ocorrem anteriormente ao momento de fala, sendo que a oração adverbial temporal serve de referência para a oração principal.

O pretérito perfeito é o tempo em que o ME é anterior ao MF e este simultâneo ao MR (ME-MR,MF). O perfeito expressa um fato já concretizado visto a partir do momento da enunciação: ***o garoto se afogou no mar (ontem); o garoto se afogou no mar (hoje)***. Que pese o emprego distintivo dos adverbiais temporais, tal uso não descaracteriza as oração como ocorridas em um passado perfeito, o evento se afogar (perfectivo), em ambas orações, tem sua predicação no tempo passado, ocorrem anteriormente ao momento da fala e os adverbiais temporais, como dêiticos, só podem ser observados a partir da enunciação, o que nos diz que o MR e o MF são simultâneos. Neste tempo o resultado é muitas vezes mais importante que o próprio evento, pois faz deste tempo um passado visto a partir de um momento atual, uma vez que só assim o falante pode ter consciência do resultado do acontecimento. A referência temporal transmitida, então, do falante para o ouvinte está ligada ao momento da enunciação. Para exemplificar, comparemos a oração ***o garoto se afogou***, com a oração ***o garoto se afogava***. Na primeira construção com o pretérito perfeito fica evidente o resultado do evento, já na segunda construção temos o verbo empregado no pretérito imperfeito, porém, com limites temporais não definidos, a segunda oração não implica em nossa mente um resultado final.

O Pretérito Imperfeito caracteriza-se pelo deslocamento do ME para um tempo passado, é uma descrição de algo ocorrendo no passado visto a partir de um referencial também no passado. Da mesma forma que no presente, o imperfeito não coloca limites posteriores ao evento, assim não limita o evento transcorrido (ou transcorrendo) no passado, não o força a acabar antes do MF. A oração no imperfeito não implica o cessamento do evento: ***trabalhava no artigo desde setembro***, a ideia trazida pela oração não é suficiente para afirmarmos que o evento “trabalhar no artigo” está concluído, temos o início do evento e “supomos” o término ou suspensão do acontecimento. Ao não expressar os limites do evento, o imperfeito tem a característica de indicar um evento tratado como atual no passado, ou seja, podemos caracterizá-lo como o presente no passado, como na oração: ***Quando construíram o prédio, eu estudava engenharia*** - em que o imperfeito “estudava” relata o presente em dado instante, em que acontece de forma simultânea a referência “construção do prédio”. Esta aproximação de propriedades semânticas entre o presente e o imperfeito é justamente para fundamentar este deslocamento do MR junto com o ME. No imperfeito, o falante se coloca numa perspectiva também de passado para contemplar o evento na sua ocorrência, sendo que transmite ao ouvinte uma ótica do fato a partir do próprio momento do evento e não de seu fim, resultado ou consequência. Pela fórmula de Reichenbach o imperfeito, é o tempo em que o ME é simultâneo ao MR e ambos são anteriores ao MF (ME,MR-MF). Podemos notar na análise dos tempos pretéritos que a principal distinção entre os três tempos se dá justamente na colocação do momento de referência (MR), o que podemos visualizar nas seguintes orações: ***Carlos comprou frutas ontem*** (pretérito perfeito; ME -MF,MR) / ***Carlos comprava frutas*** (pretérito imperfeito (ME,MR -MF) / ***Carlos tinha comprado frutas, mas esqueceu o pão*** (pretérito mais-que-perfeito; ME-MR-MF).

Para o estudo dos tempos futuros, a primeira relação que podemos estabelecer é que para eventos que virão o ME está sempre precedido por MF, logo a oração expressa um evento que se realiza em um tempo diferente a enunciação – neste caso, em um tempo que virá, visto da perspectiva do MF. Temos dois tempos futuros: o futuro do presente e o futuro do pretérito. Se no pretérito perfeito temos a noção de um evento completamente acabado, no futuro do presente esta visão corresponde a um evento completamente acabado, porém ainda não começado. Tal situação coloca este tempo como hipotético pois temos a convicção que a ação ou fato se realizará, mas não a certeza: ***comprarei doces para as crianças, farei aniversário***. No futuro do presente, o ponto de referência é simultâneo ao MF, pois novamente a referência será dêitica, assim irá se vincular necessariamente ao tempo da fala. Como o passado perfeito e o presente, neste tempo futuro também visualizamos a realização do evento de uma perspectiva atual, o que nos permite a visão de tempo completamente acabado. Pela perspectiva de Reichenbach, o futuro do presente é o tempo

em que o MF é simultâneo ao MR e ambos anteriores ao ME (MF, MF-ME).

O futuro do pretérito é o tempo em que o MR é anterior ao MF que, por sua vez, é anterior ao ME (MR-MF-ME). Em uma oração com emprego do futuro do pretérito, o evento é futuro apenas a partir de uma perspectiva passada: *Se não tivesse perdido o trem, chegaria em casa no horário*; na presente oração o evento perder o trem é anterior ao MF, este evento (ter perdido o trem) será a referência ao outro evento - chegar em casa (futuro do pretérito), que pode ser considerado como um evento futuro apenas a partir da perspectiva do MR e do MF, expressos anteriormente na oração (se fôssemos observar este evento de uma perspectiva atual seria presente ou passado). O falante e o ouvinte contemplam essa possibilidade a partir de um sistema de referência que se colocou antes da enunciação, isto é, temos um primeiro evento passado em que um outro evento (no futuro do pretérito) é visto como futuro daquela perspectiva.

Muitas línguas incorporam o conceito de palavra temporal no verbo, em especial, a Língua Portuguesa, cujos verbos são diferenciados pelos morfemas temporais. Tais morfemas possibilitam ao falante/ouvinte se situar temporalmente, o que de fato faz quanto ao desenvolvimento dos eventos (ações, eventos ou processos), sua ordenação e sua posição com respeito a si mesmo. Embora, o termo “palavra temporal” não se aplique, a rigor, apenas ao verbo em português, uma vez que advérbios, conjunções, locuções prepositivas e nomes são elementos lexicais ou gramaticais que também dão informação temporal, quanto à ordenação – são os verbos que mais comumente, seja nas gramáticas ou na consciência do falante, situam no tempo o processo da comunicação.

Ao tratar-se do estudo do verbo e, conseqüentemente, dos tempos verbais, devemos considerar que não menos importante é o estudo da categoria gramatical do “aspecto”, mesmo que relegada nos estudos de gramática tradicional. O aspecto e o tempo se entrecruzam frequentemente, uma vez que podemos intuir o tempo ligado ao verbo de duas maneiras, como o tempo necessário para o desenvolvimento do processo - que é o tempo implicado (duração): o aspecto; e o tempo em que o processo ocorre: o tempo verbal. Assim, o tempo inerente ao próprio processo consideramos aspecto; o tempo do processo em relação ao tempo da enunciação e ao sistema fixo de referência temporal chamamos tempo. Enquanto o tempo é uma propriedade, ao mesmo tempo, da sentença e da enunciação, o aspecto é uma propriedade apenas da sentença, pois não se refere ao momento da enunciação, como podemos verificar nestas sentenças: **comprei livros / estou comprando livros**. Na primeira oração o ato de comprar livros é visto como terminada “livros foram comprados”, temos um limite do fato expresso pela sentença, assim a duração deste evento é delimitada; na segunda oração, o falante/ouvinte interpreta a duração da ação verbal tratando-a como em processo. Podemos veicular informação aspectual recorrendo a diferentes processos linguísticos. Em português as informações aspectuais distribuem-se pelos afixos: **comprando**, que contém também

informação temporal, pelas construções com auxiliares: *tenho lido, começou a ler, está a ler* e também através da combinação de vários elementos na frase associados aos anteriores, como certos advérbios e sintagmas nominais: *compra chocolate sempre; caminha na praia todo o dia*. Podemos destacar como características aspectuais presentes nos textos a habitualidade de uma ação (caminha todo o dia); progressão (está trabalhando); utilização de adverbiais de quantificação ou de duração de eventos (toma café sempre pela manhã); duração, repetição de um evento (vive com dor de cabeça), a distinção entre ação terminada ou não (perfectivo/imperfectivo), entre outras. Destacamos, ainda, a utilização dos chamados operadores aspectuais, formados por uma parte considerável das chamadas formas perifrásticas construídas com verbos de operação aspectual + infinitivo, tais como: estar a (está a ler a revista), começar a (começava a ler a revista, quando foi interrompida), continuar a (continua a ver novelas), acabar de (acabou de chegar em casa), andar a (andou a ler Os Lusíadas). Quando dizemos que estas construções são operadores significa que se assume uma perspectiva dinâmica em que ocorre uma conversão de um determinado tipo de situação num outro, através de uma oração de transformação. A construção mais conhecida do português é o chamado progressivo que se obtém em português com: estar a + infinitivo (forma mais corrente em Portugal) e estar + gerúndio (construção mais corrente no português do Brasil). Essas são algumas das observações do que, atualmente, se estuda em matéria linguística referente aos tempos verbais do português.

3. Estudo de usos e de problemas na aplicação dos tempos verbais em textos vestibulares

No presente capítulo, fazemos a análise de trechos de redações de vestibulandos, em que procuramos demonstrar as ocorrências de aplicação dos tempos verbais, tanto no uso considerado adequado, quanto naquele em que apontamos problemas de emprego. Após cada trecho fazemos uma breve análise das ocorrências pertinentes. Para maior clareza dividimos o presente capítulo em duas sub-unidades: ocorrências abonadas pelo uso e problemas no emprego dos tempos verbais. Cabe, ainda, um último esclarecimento: os trechos textuais foram retirados em sua íntegra, tendo sido preservadas outras incorreções, que não aquelas objeto do nosso estudo, como as de concordância, colocação, pontuação, orações agramaticais, entre outras. Assim, passamos a análise das ocorrências:

3.1 Ocorrências dos tempos verbais abonadas pelo uso

A) No preâmbulo *da constituição dos EUA de 1787*², *é* expresso: “Nós, o povo, para formar uma perfeita União, estabelecer justiça e assegurar o bem estar geral e a tranquilidade de todos, *estabelecemos* este documento”. Naquela época *era* conveniente preservar esses valores, pois a sobrevivência de uma jovem Nação, *era* necessária a contribuição dos cidadãos. Todavia, hoje as pessoas de qualquer república *acostumaram-se* com os benefícios que gozam por viver em um Estado organizado, ao passo que suas atitudes *começam* a ser regidas pelo hedonismo. (F4)³

No presente trecho, o redator abre o parágrafo com a utilização do presente histórico, note-se o verbo ser (*é*) e o verbo estabelecer (*estabelecemos*) empregados no presente, e temos, anteriormente a estes, o emprego anafórico de um sintagma com uma datação absoluta pretérita (a constituição dos EUA de 1787), tal uso situa os eventos “ser expresso” e “estabelecemos”, o momento da fala e o momento de referência no presente, a partir de uma perspectiva passada (constituição dos EUA de 1787), ou seja, transporta o leitor para aquele tempo como se vivenciando a escritura do texto. Assim, temos o uso do presente histórico, e logo após continua o escritor a desenvolver a narrativa com o uso do pretérito imperfeito (*era*), utilizado para descrições, e o uso do pretérito perfeito para avanço narrativo, com a inserção de um novo tópico.

B) Entretanto, o povo brasileiro não possui apenas características ruins. Nossa história *está* cheia de pessoas que *traçaram* caminhos incríveis, *saindo* da absoluta pobreza ou submissão e *atingindo* o sucesso. (A3)

Uso aspectual do gerúndio para indicar ação em desenvolvimento (*saindo* – início / *atingindo* – ação culminada).

C) Com base no que *foi explanado estamos* em uma constante mutação e os hábitos tradicionais *estão sendo* colocados de lado muitas vezes por imposição do momento da sociedade. E como Charles (?) *mencionou* em sua teoria da seleção natural em que o mais adaptado *sobrevive*, então *vamos* nos *adaptar* para o desenvolvimento *alcançamos*. (B3)

Utilizamos este trecho para demonstrar o uso do presente progressivo: *estão sendo*. Aqui temos o uso desta categoria aspectual para indicar frequência / continuidade da ação.

D) A literatura tem vários nomes de personagens bons, mas nenhum outro como Emília, que sempre *estava* feliz e *gostava* de se divertir. No sítio Emília *arrumava* muitas aventuras com seus amigos para se manter animada, tal qual como nosso povo, que sempre procura algo para aliviar a pressão e continuar

² Adotamos, como forma de distinção dos tempos verbais em análise, as seguintes marcações nos trechos textuais: em itálico (para verbos ou outros auxiliares temporais no passados); sublinhado (para verbos ou outros auxiliares temporais no presente) e aspas com itálico (para verbos ou auxiliares temporais empregados no futuro).

³ A marcação alfa-numérica ao final dos trechos textuais é mera indicação do redator, para referenciar e distinguir o *corpus* utilizado no trabalho, visando futuras consultas. Assim, deve ser desprezada pelos leitores.

vivendo porque sabe que se desistir não terá mais bons momentos que deixam a vida mais interessante. (E1).

No presente trecho temos o uso do pretérito imperfeito com finalidade aspectual, pois a utilização desta forma verbal serve para descrever o ente Emília (personagem de ficção literária), e ao mesmo tempo situa o evento em um momento passado, porém sem precisar tempo. A referência fica por conta do conhecimento de mundo de cada indivíduo, que reconhece a história infantil, e a personagem de ficção, criada por Monteiro Lobato. O advérbio *sempre* também é empregado com finalidade aspectual, pois remete a um tempo que se desloca do passado em direção ao futuro, passa a ideia de reiteração do evento.

E) Pois bem, infringir a lei e ser incivil são fontes de negatividade, porque tenho certeza que isso nunca “*irá trazer*” sucesso para mim, minha família, minha empresa e as pessoas que amo; mas isso não “*vai trazer*” benefícios apenas a mim, mas sim a todos civilizados que cumprem a lei. E32 (não irá trazer).

Neste trecho temos uma ocorrência curiosa. O uso aspectual nas duas perífrases para expressar futuro, porém o redator utiliza a primeira construção com o verbo auxiliar ir no futuro: irá trazer (trará); já na segunda ocorrência temos o uso do auxiliar ir no presente, porém também indicando ação futura. Assim, as duas construções caracterizam MF-ME,MR.

F) Qual o cidadão *hoje em dia* não *possui* um mísero CD pirata? F2

Uso adequado do presente do indicativo, pois o evento possuir (presente), o MF (enunciação) e o momento de referência (advérbio hoje) são simultâneos.

G) Quando os portugueses chegaram ao Brasil, encontraram as tribos de índios, esses índios são conhecidos até hoje pelo fato de ser um povo: simples, amigável, ingênuo, trabalhador, lutador e resistente. Todos nós temos um pouco desse espírito e sangue, afinal vivemos na mesma terra que eles construíram, e muitos de nós temos antepassados indígenas. Por estes motivos eles nós fascinam e estão sempre presentes na nossa literatura, pois, sempre queremos conhecer mais do nosso passado. (F5)

Utilizamos o presente segmento para demonstrar o emprego dos tempos verbais de forma a possibilitar a progressão temática. O redator inicia com verbos no pretérito perfeito, em que visualizamos o evento ocorrido no passado, a partir do momento de enunciação. O verbo *chegaram* no perfectivo nos traz a ideia de ação télica – concluída; segue a narração com o verbo “*encontraram*” as tribos de índios, novamente na perspectiva passada. Após, o autor traz a narrativa

para o presente do indicativo, a enunciação no presente é simultânea ao evento “os índios são conhecidos”, a locução prepositiva *até hoje* também sinaliza a perspectiva do presente. Os demais verbos são utilizados todos no presente. Não há “progressão de ações” no trecho final – os eventos descritos com o verbo no presente são ou podem ser todos simultâneos.

3.2 Ocorrências dos tempos verbais com problemas de emprego

A) Além disso, não há interesse por assuntos de maior relevância como a política nacional. Somos facilmente distraídos dos escândalos no Senado [no momento](#) que a Copa do Mundo [começa](#). (A2)

No presente trecho temos um problema de referenciação pois “Copa do Mundo”, sendo um evento necessariamente datado (Copa de 2006 ou Copa de 2010) possui uma referência temporal – se não soubermos de qual Copa o escritor fala, não sabemos qual o tempo verbal que deve ser empregado (passado, presente ou futuro);

B) A trajetória de Yaoub é um ótimo retrato de realidade de muitos brasileiros. Depois de *ser agredido* pelo irmão e de *ser enviado* ao Líbano na adolescência, retornou ao Brasil, tornou-se um engenheiro famoso e casou-se com a mulher de seus sonhos. (A4)

No presente trecho temos no segundo período a oração principal: “retornou ao Brasil”. “Ser agredido” e “ser enviado” devem ser considerados a partir do ME “retornou ao Brasil”, que passa a ser o MR para aqueles eventos. Sendo eventos anteriores ao evento “retornou ao Brasil”, deveriam ser expressos por “ter sido agredido e enviado” - isto é, o uso adequado seria com o pretérito-mais-que-perfeito (ME-MR-MF): que localizaria uma situação passada, em relação a outra situação também passada (pretérito perfeito: retornou).

C) Estamos na era da informação, a *todo tempo* novas tecnologia *vêm surgindo*. (E23)

No presente trecho temos o emprego inadequado da expressão “a todo o tempo” - o substantivo “tempo”, de uma perspectiva aspectual, expressa intervalo durativo, cf. “ao longo do tempo”. Entretanto, os eventos de “surgimento” de novas tecnologias são acontecimentos pontuais (em determinados momentos, surgem novas tecnologias); e é a sucessão destes acontecimentos pontuais que é caracterizada pelo uso do presente progressivo “vêm surgindo”. Assim, no presente caso, deveria ser utilizada a expressão “a todo momento”, cujo caráter aspectual momentâneo seria adequado aos acontecimentos pontuais referidos. Isto é, neste caso temos um problema de

“referência aspectual” - incompatibilidade entre o aspecto durativo de “tempo” e o “pontual” de “surgimento”.

D) Contendo bons índices de expectativa de vida, *é* assim que o Rio Grande do Sul se caracteriza. *São* muito os fatores que *levaram* aos bons índices, como por exemplo, o sistema de esgoto, água encanada e coleta de lixo que *aumentaram* ajudando a evitar doenças e *terem* mais conforto em suas residências, o acesso a informática *umentou* contribuindo para uma melhor captura de informação e escolarização. O grande protagonista desse desenvolvimento *foi* o povo que sempre *lutou* por seus direitos, unidos e de forte tradição exemplo disso *foi* a guerra dos farrapos tão conhecida que está nos livros de história de todo o país, esse orgulho não *pode terminar* se deixando abater por crises como a do ano de 2008, agora mais do que nunca o povo *tem* que mostrar suas raízes sair do comodismo. (B2)

No presente trecho, encontramos um problema no uso simultâneo dos verbos *são* e *levaram*, pois não temos claro qual o MR (referência temporal) a ser empregado - passado ou presente. Se o redator está se referindo ao que consta no relatório (no documento) - hoje/no momento atual, a perspectiva tem que ser presente: neste caso, “são os fatores (constantes no relatório) que levam aos bons resultados (no relatório)”. Se está se referindo ao que aconteceu de fato no RS, os fatores que atuaram na realidade gaúcha e que tiveram certos resultados, trata-se de reportar eventos do passado (anterioridade da ação); portanto, o tempo a ser usado seria o pretérito perfeito “foram os fatores x,y,z que levaram a atingirmos bons índices”.

E) A Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílio, *realizada* pelo IBGE, *entre os anos de 2006 e 2007*, *apresenta* dados relevantes com relação a questão do trabalho no Rio Grande do Sul. (C 1)

No presente segmento temos o evento “pesquisa realizada” - isto é, a ação realizada pelos pesquisadores, de entrevistas, etc. - que é anterior ao momento da fala (MF). O evento é simultâneo ao MR: entre 2006 e 2007 (referência absoluta). Devemos utilizar o verbo “apresentar” no presente ou no passado? Segundo a GT, o presente deve ser usado para enunciar um fato atual, que acontece no momento em que se fala. Este fato não pode ser a “pesquisa enquanto ação”, pois esta foi realizada no passado. Entretanto, há a “pesquisa relatório”, documento, e esta tem existência no presente; Assim, no período acima, temos uma ambiguidade quanto à referência a ser adotada de acordo com a perspectiva do leitor. O fato curioso é que as duas noções de “pesquisa” são expressas pelo mesmo SN na frase.

F) A meta *agora* “*de agora em diante*” “*será*” (por *é*) manter este números e torná-los ainda mais expressivos e atraentes, *reagindo* à crise. Mas para isso “*será*” necessário um movimento conjunto da sociedade gaúcha e brasileira em uma única direção com o objetivo de *manter* a estabilidade de nossa soberana nação e *garantir* nossa independência econômica no futuro próximo, mesmo que para isso alguns sacrifícios sejam feitos. (C4)

No presente segmento temos a utilização de duas referências contraditórias (*agora // de agora em diante*) em razão do uso dos advérbios de tempo que fixam o momento de referência. Em um primeiro momento, o advérbio *agora* remete ao presente, em cujo caso deveria ser utilizado o presente do verbo *ser*: “a meta agora é” - porém, em um segundo momento, o redator utiliza a locução adverbial - “*de agora em diante*” - que fixa uma referência que tende para um emprego futuro; de fato, o verbo *ser* aparece, no período, no futuro do presente (*será*); além disso há reforço desta referência pelo emprego de outras referências temporais futuras, como na expressão “futuro próximo” (a GT também abona o uso do presente). Portanto, o problema está no *agora*.

G) A literatura brasileira é escrita por pessoas que *buscavam transmitir* sentimentos, dos seus personagens para o povo que busca se identificar. A vida tem suas complicações, mas é isso que nos faz parecer mais com algumas características de diversos personagens. (E3)

O verbo “*ser*” é empregado no presente do indicativo (ME=MF=MR) na oração principal, e a perspectiva da ação tem como referência o momento atual (*hoje*); a subordinada formada com a locução verbal “*buscavam transmitir*” tem como MR o verbo da oração principal. O verbo *ser* no presente deveria levar o verbo da subordinada para o presente do indicativo (*buscam*). Porém, o aluno se utiliza do verbo no imperfeito do indicativo. Podemos, ainda, notar que, na continuação do período, o aluno usa corretamente o tempo verbal em outra subordinada (*busca se identificar*).

H) Não posso prever se “*ganharia*” na loteria. Raciocinando, posso chances mesmo que pequenas. Arriscado. O modo como a pessoa age reflete nas suas economias. (E27)

Neste trecho temos o evento: *posso prever* (presente), que coincide com o MF e o MR (*hoje*), após é empregado o verbo *ganhar* no futuro do pretérito. Este subsistema do passado exige uma construção com o MR anterior ao MF que, por sua vez, é anterior ao ME (*ganhar*). Em uma oração com emprego do futuro do pretérito, o evento é futuro apenas a partir de uma perspectiva passada, assim a referência não pode estar no presente. Portanto, ou *podia prever...ganharia*”, ou “*posso prever...ganharei*”.

I) Este acontecimento que *ocorrerá no final de 2004 demonstrou* que o homem emociona-se com fatos de grande dramaticidade. Em primeiro lugar; *foi* a surpresa pelo fato, em seguida atingido pela emoção que a tragédia *deixou* as suas vítimas. (E16)

Neste trecho, o problema temporal reside na forma *ocorrerá*: se o evento foi em 2004, no passado, deveria ter sido usado o pretérito perfeito – de fato, como nas demais ocorrências referentes ao evento no trecho (*demonstrou, foi, deixou*). Seria possível a utilização do futuro do

pretérito “ocorreria” se houvesse alguma referência anterior no passado: por exemplo, em algo como “O acidente, previsto pelo relatório de 2003, viria a ocorrer / ocorreria no final de 2004”.

Considerações finais

Podemos concluir que, apesar de relevante, o ensino dos tempos verbais na perspectiva da Gramática Tradicional falha, pois desconsidera a utilização semântica dos verbos, orientando o aprendizado para o estudo de paradigmas morfológicos. Além disso, como a análise tradicional não busca entender as relações entre tempos verbais e outros elementos temporais da oração, fornecendo apenas uma interpretação incompleta; assim, em muitos casos não temos como classificar determinados usos. Para exemplificar, vejamos o subsistema do presente: o ensino tradicional diz que a ação verbal do presente é “o ato de enunciar um fato atual no momento em que se fala”, porém, esta mesma gramática, em sua sintaxe na tipologia dos verbos, apresenta usos em que o presente é deslocado mais para o passado ou mais para o futuro, como podemos verificar no uso do presente histórico: *Em 1938, começa a segunda Guerra Mundial*; ou no emprego da oração com ideia de evento futuro: *eu viajo amanhã*. Assim, como explicar tais usos, levando-se em consideração apenas a estrutura morfológica do verbo? Com certeza, fazer tal classificação será complexa, para aqueles que tenham apenas um entendimento classificatório, alicerçado na estrutura verbal. Existem outras ocorrências em que o verbo é interpretado de forma ambígua, possibilitando leituras temporais diversas.

Vimos, também, que nossa tradição gramatical privilegia, entre as flexões verbais, as categorias temporais, em detrimento do aspecto e do modo. Porém, como demonstramos, o uso adequado dos tempos verbais está intrinsecamente vinculado ao aspecto.

Lembramos, ainda, que apesar de o verbo ser o principal elemento de referência temporal, outros elementos também cumprem esta função, como advérbios, locuções adverbiais, preposições, conjunções e nomes, influenciando a noção temporal expressa pelo verbo. Logo, fica evidente que os valores semânticos são importantes, se não fundamentais, para o entendimento dos sistemas temporais; são eles que afetam, quando mal empregados, a coerência dos textos.

Finalmente, após a análise do conjunto de redações podemos retirar algumas conclusões preliminares: outros elementos lexicais (adverbiais ou não), muitas vezes, introduzem referência temporal ou aspectual incompatível com a oração, como visualizamos no segmento “a meta agora de agora em diante será manter este número...”: o uso inapropriado do advérbio causa inadequação na utilização temporal expressa pelo verbo (item 3.2 – oração F). Já no exemplo “Qual o cidadão hoje em dia não possui um mísero CD pirata?” (item 3.1 – oração F), vemos o uso apropriado do

advérbio temporal “hoje em dia”, como forma de referenciar o evento “possui” como uma ocorrência no presente. Uma segunda constatação é que a ausência de referência temporal compromete o uso apropriado do tempo verbal, como nas ocorrências “de ser agredido e ser enviado” (oração B, do item 3.2), as ações verbais deveriam ter sido reportadas no pretérito-mais-que-perfeito, pois a referência temporal estabelecida é a do verbo “retornou” – no pretérito perfeito do indicativo. Tal emprego leva a má formulação do texto, perturbando o leitor. Em outras frases, temos o uso inadequado do aspecto, incompatível com a oração, disso resultando um período mal formado, incongruente (item 3.2, oração C). Por fim, o estudo do *corpus* revelou, de forma recorrente, a ausência de distinção apropriada entre elementos do relato (relatório ou pesquisa enquanto “textos”, com existência presente) e os elementos do mundo (fatores que levam a boa condição de vida, pesquisa enquanto atividade, etc.), lançados pelos autores, como visualizamos nas orações A, D e E (do item 3.2).

Concluimos que uma proposta eficiente de estudo das expressões de tempo em português deve estar amparada em estudos sintáticos-semânticos; reconhecer as expressões e construções que indiquem tempo; desenvolver um conjunto de noções adequadas à descrição temporal; promover o estudo aspectual das formas verbais. Assim, a teoria de Reichenbach se mostra oportuna e eficiente na classificação dos tempos verbais do português, devendo ser fomentado seu estudo e sua adaptação para fins pedagógicos. O presente trabalho é um estudo preliminar dos tempos verbais do português ao qual daremos continuidade.

Referências Bibliográficas

- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática Portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.
- CORÔA, M. L. M. *O Tempo nos Verbos do Português: Uma Introdução a sua Semântica*. São Paulo: Parábola, 2005.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley, *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2007.
- ILARI, R. *A Expressão do Tempo em Português*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2001.
- In: Mira Mateus et al. *Gramática de Língua Portuguesa*. São Paulo: Caminho, 2003, capítulo 6.
- MAINGUENAU, D. Realce e Descrição. In *Elementos de Linguística para o Texto Literário*, capítulo 3. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- OTELO, Reis. *Breviário da Conjugação de Verbos*. Belo Horizonte: Reunidas, 2011.
- RODRIGUES, A. C. S. et al. *Formas de Pretérito Perfeito e Imperfeito do Indicativo no Plano Textual-Discursivo*. In I. V. Koch, org., *Gramática do Português Falado*, vol. VI. Campinas: Editora da UNICAMP, 2002.